

# SPINOZA, UMA FILOSOFIA DA IMANÊNCIA DOS AFETOS

## SPINOZA, A PHILOSOPHY OF THE IMMANENCE OF AFFECTS

Valdeci Ribeiro dos Santos<sup>1</sup>

Wallace Cabral Ribeiro<sup>2</sup>

**Resumo:** A filosofia de Spinoza é voltada para ação na medida em que encoraja o sujeito a perder o medo de viver em ato, estimulando-o a desenvolver uma ciência intuitiva, que o leve a compreender as forças que lhe afetam. Uma filosofia que inspira os indivíduos a não serem mais escravos dos encontros fortuitos, mas que se esforce (*conatus*), que persevere na afirmação do seu ser, na busca dos bons encontros, que produzam paixões alegres que aumentem sua potência de agir. É neste sentido que Deleuze afirma que Spinoza “oferece uma imagem da vida positiva e afirmativa” (2002: 18). O estudo em tela tem por objetivo explorar algumas reflexões, métodos, conceitos e categorias desenvolvidas por Baruch Spinoza, no sentido de compreender a dinâmica dos afetos e suas implicações para a liberdade, atentado para sua obra de maior envergadura, *Ética*.

**Palavras-Chave:** Ética. Afetos. Potência de agir. *Conatus*. Liberdade.

**Abstract:** The philosophy of Baruch Spinoza is turned for action in that it encourages the subject to lose the fear of living in act, stimulating develop an intuitive science in the acquisition of suitable ideas, which leads him to understand the forces that affect him. A philosophy that inspires individuals not to be more slaves of fortuitous encounters, but to strive (*conatus*), to persevere in the affirmation of their being, in search of good encounters, to produce joyful passions that increase their power to act. It is in this sense that Deleuze states that Spinoza "offers an image of positive and affirmative life" (2002: 18). The study on screen aims to explore some reflections, method, the concepts and categories developed by the Baruch Spinoza, in order to understand the dynamics of affections and their implications for freedom, emphasizing the work of greater wingspan, *Ethics*.

**Keywords:** Ethic. Affects. Power of acting. *Conatus*. Freedom.

\* \* \*

---

<sup>1</sup> Atualmente, é professor do departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD). Ex-Professor do Departamento de Sociologia e Metodologia Científica da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Especializado em filosofia contemporânea pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: ribeirovaldeci07@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), bacharel em Sociologia pela mesma instituição, consultor da Revista Ensaio, membro do Núcleo de Estudos Friedrich Engels (NEFE), do Laboratório de Estudos Socioantropológicos em Política, Arte e Religião (LePar), do Núcleo de Estudos Guerreiro Ramos (NEGRA) e do Núcleo de Estudos Cidadania, Trabalho e Arte (Nectar-UFF). Email: cabralwallaceribeiro@yahoo.com.br

## Introdução

A filosofia de Spinoza apresenta novas maneiras de enxergar a vida, nos coloca novos problemas existenciais, nos faz pensar novas perspectivas e novas maneiras de encarar o mundo. A psiquiatra Nise da Silveira atribui muita importância à obra *Ética* em sua vida, ela diz: “logo às primeiras páginas, fui atingida. As dez mil coisas que me inquietavam dissiparam-se quase, enfraquecendo-se a importância que eu lhes atribuía. Outros valores impunham-se agora. Continuei sofrendo, mas de uma maneira diferente” (1995, p. 23). No prefácio à obra *Anomalia Selvagem*, Antonio Negri menciona rapidamente o impacto do pensamento de Spinoza enquanto estava na prisão: “a leitura de Spinoza constituiu para mim uma experiência de incrível frescor revolucionário” (1993, p. 25). Ao longo dos séculos, sua filosofia influenciou muitos pensadores, como Goethe, Hegel, Nietzsche, Bergson, Eric Fromm, Deleuze, além da própria Nise da Silveira e Antonio Negri, como já mencionados acima. Machado de Assis vai se referir ao legado de Spinoza como “o suado labor no prêmio eterno”.

Baruch Spinoza nasceu na Holanda, em 1632, e faleceu em 1677, aos 44 anos. Sua família era judia e de origem portuguesa, se estabeleceram em Amsterdã, devido à forte perseguição aos judeus no território lusitano naquele período. Havia certa expectativa por parte da família de Spinoza, para que ele seguisse o rabinismo, uma vez que vinha se dedicando e se destacando em sua sinagoga.

Sua inquietação intelectual o leva a dialogar com diversos teóricos da ciência/filosofia, como René Descartes. Suas posições passam a divergir de sua sinagoga. Por ter uma postura irreduzível, foi excomungado e amaldiçoado pela comunidade judaica em 1656. Sully Prudhomme (2017), em seu poema *Um homem bom*, vai se referir a esse episódio descrevendo Spinoza como “ao qual a sinagoga se opunha raivosa”.

Todos os membros da comunidade religiosa estavam proibidos de ter qualquer tipo de relação com Spinoza. A carta de excomunhão (escrita em português), emitida pela comunidade judaica portuguesa de Amsterdã, deixa explícito quais são as regras para os membros da comunidade judaica em relação a Spinoza: “ninguém lhe pode falar oralmente nem por escrito, nem lhe fazer nenhum favor, nem estar com ele debaixo do mesmo teto, nem junto com ele a menos de quatro côvados (três palmos, isto é, 0,66m; cúbito), nem ler papel algum feito ou escrito por ele” (2016, s.p). Deleuze esclarece que “se Espinosa foi condenado mais severamente, excomungado desde 1656, é por que recusava penitenciar-se e buscava, ele próprio, a ruptura” (2002, p.11).

O ódio contra as posições de Spinoza era tanto que, na ocasião em que proferia um discurso, sofreu um atentado contra sua vida. Salvou-se apenas por ter conseguido se esquivar do golpe de punhal que lhe desferiram. “Conta-se que Spinoza conservava o seu casaco perfurado pela facada, para melhor se lembrar de que o pensamento nem sempre é apreciado pelos homens” (*Op. cit.*, p. 12).

Acredita-se que, para sobreviver, Spinoza recebia doações de amigos e admiradores, e trabalhava polindo lentes. “Comentam alguns que este trabalho era feito como um ofício, como meio de manter a vida. Mas outros o negam. Sua subsistência modesta estava assegurada por amigos fraternos” (SILVEIRA, 1995, p. 37). Era desprovido de ambições pessoais, sempre levou uma vida simples, nunca foi proprietário de imóvel, e habitava pequenos espaços de um ou dois cômodos alugados (PONCZEK, 2009).

Ao longo de sua curta vida, Spinoza escreveu algumas obras importantes para o pensamento ocidental, como *Tratado da reforma do entendimento* (1661), *Princípios da filosofia de Descartes* (1663), *Tratado Teológico-político* (1670), *Tratado político* (1677), obra incompleta e publicada postumamente. Mas a obra de maior destaque e que é considerada um *capolavoro*, é *Ética Demonstrada Segundo a Ordem Geométrica*, de 1677, também publicada postumamente. O título do livro em si já revela, em parte, a estrutura de seu conteúdo. A clássica obra da antiguidade, *Elementos de Geometria*, de Euclides de Alexandria, lhe serviu de grande inspiração. A geometria euclidiana estrutura a *Ética* em definições, proposições, demonstrações, corolário, escólio e axiomas, além de ser dividida em livros (cinco livros ao todo). O método axiomático dedutivo torna suas reflexões profundamente sistemáticas, o que faz da *Ética* uma obra de difícil leitura, que exige um pouco mais de tempo para compreendê-la minimamente. Essa obra foi escrita originalmente em latim, sendo este o idioma acadêmico científico usual durante aquele período.

De acordo com Deleuze, um dos aspectos que singulariza essa obra de Spinoza é que “o método geométrico deixa de ser um método de exposição intelectual; não se trata mais de uma exposição professoral, mas de um método de invenção” (2002, p. 19). Com seu ofício de polir lentes, Spinoza introduz na *Ética* uma geometria óptica, que tinha por objetivo constituir as lentes ou polir os cristais para uma visão livre e inspirada (DELEUZE, 2002).

Digamos que, em face da máquina dogmática reinante, produziu uma máquina de guerra processual, expressiva, abandonou a sistemática em voga para traçar uma

cartografia dos afetos, das multiplicidades intensivas. Uma natureza que se desdobra em naturante/naturada, como tal, efetuate/efetuado. A substância expressa seus modos no movimento de composição e decomposição, seus conteúdos expressivos vitais fundam as coisas, não se deixam limitar nas teias do sujeito. Isso implica ir para além da consciência intencional e suas mediações para atingir à intuição criadora, à efetuação e não às representações dogmáticas. Essa é uma preocupação que atravessa a obra de Marx e Engels, um sobremundo construído a partir da premência da ideia sobre a força criadora.

Ao final dessa obra, Spinoza sintetiza afirmando que tudo o que pensou, refletiu e escreveu foi para demonstrar o poder da alma sobre as afecções e a sua liberdade, por isso, sua última proposição, a de número 42 da V parte, refere-se à felicidade, na qual ele afirma que “a beatitude não é o prêmio da virtude, mas a própria Virtude” (EV P42, 2009, p. 238). A questão da felicidade é de suma importância, pois o poder de controlar as paixões deriva da felicidade. Os dois últimos livros que compõem a *Ética* são propriamente instrumentos de produção de si por si mesmo. A problematização da existência no sentido de construir caminhos de liberdade, uma vez que a lógica não é do sujeito, mas do sentido. Quem se move não pode separar o movimento dele mesmo, recíproco imediato à expressão. Sair do território da servidão é entender as causas dos encontros e neles exercitar caminhos de liberdade. A *Ética* não é um tratado moral, mas uma máquina de guerra contra a tirania.

### **A dinâmica dos afetos**

Para Spinoza, estar no mundo significa se relacionar com ele. O ente humano está intercambiando com o universo, numa confluência ativa: “ter comércio com outras coisas é ser produzido por outras ou produzir outras” (SPINOZA, TIE 41, 2007, p. 43). O corpo é constituído por múltiplas forças tanto internas como externas a ele. O corpo para Spinoza é uma coisa extensa que exprime de uma forma definida e determinada a essência de Deus, são afecções dos atributos de Deus. O corpo é necessariamente a força dos encontros com outros corpos que compõem ou decompõem sua estrutura. Estrutura, na concepção de Claudio Ulpiano, “é um elemento constituído por partes, ou seja, quando você tem alguma coisa que é uma estrutura, significa que aquilo tem partes e cada parte tem uma função” e que todas as “estruturas fazem e se desfazem” (2016)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Aula de 16/06/1994, disponível em: <<https://acervoclaudioulpiano.com/2016/11/10/aula-de-16061994-pensamento-lucrecio-e-espinoza/>>.

Spinoza nos diz que muito se fala da consciência, mas pouco se sabe sobre o que pode o corpo, “o fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo [...] pode e o que não pode fazer”. (EIII P2 S2, 2009, p. 101). A consciência “recolhe efeitos, mas ignora as causas” (DELEUZE, 2002, p. 25), a consciência forma ideias inadequadas sobre o corpo. “Cada corpo é composto por relações entre outros tantos corpos, isto é, cada corpo é definido em função de relações de composição estabelecidas entre uma multidão de corpos” (GUIMARAENS, 2006, p. 158). O corpo é uma multidão, “o princípio multitudinário é constitutivo de todos os corpos existentes na natureza” (*Op. cit.*, p. 159). Cada corpo afeta e também é afetado, as afecções são o corpo sendo afetado na interação com outros corpos: “por *Afeto* compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (SPINOZA, EIII, Def 3, 2009, p. 98). Para Guimaraens, “todo corpo existente exprime um determinado poder de afetar e de ser afetado que o singulariza” (2006: 160). O corpo está em interação com o universo na medida em que afeta e é afetado.

O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor. O corpo humano pode sofrer muitas mudanças, sem deixar, entretanto, de preservar as impressões ou traços dos objetos e, conseqüentemente, as mesmas das imagens das coisas. (SPINOZA, EIII Postulado 1, 2009, p. 99)

No primeiro parágrafo da obra *Tratado da Reforma do Intelecto*, Spinoza afirma que “depois que a experiência me ensinou que tudo o que ocorre com frequência na vida é vão e fútil; quando vi que tudo o que eu temia não tinha em si nada de bom nem de mau, a não ser à medida que meu espírito se agitava com isso” (SPINOZA, TIE 1, 2007, p. 19). Aqui, o filósofo holandês discute sobre os atravessamentos dos corpos e que não existe nada de bom ou mau, mas sim uma maneira específica pela qual os corpos são afetados. De modo que “deve-se notar que se diz bem e mal só correlativamente, de tal modo que uma só e mesma coisa pode ser dita boa e má, segundo pontos de vista diferentes, o mesmo ocorrendo com perfeito e imperfeito” (TIE 12, *Op. cit.*, p. 25). Para Spinoza, quanto mais o corpo humano é capaz de agir simultaneamente sobre um número maior de coisas, mais a sua mente é capaz de perceber simultaneamente um número maior de coisas.

Os corpos são expressões singulares de uma substância infinita, só existe uma substância, tudo que existe são atributos dessa substância. Por substância, compreende-se tudo aquilo “que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado” (SPINOZA, EI Def 3, 2009, p. 13). Para Spinoza, Deus é uma substância constituída por “infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (EI Def 6, *Ibidem*). Deus é quantitativamente uno, mas qualitativamente múltiplo e “tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus, nada pode existir nem ser concebido” (EI P15, *Op. cit.*, p. 23). Em Spinoza, não temos mais um Deus que está deslocado do mundo, regendo-o de fora, numa verticalidade transcendental, e sim um Deus que se autoproduz que se autodesenvolve no plano da imanência. De modo que Deus e Natureza são palavras diferentes para se referir a uma mesma coisa.

Segue que Deus *sive natura*. Nossa natureza decorre como expressão de Deus; usina de criação necessária à determinação. Não nascemos com ideias e as ideias não nos garantem a beatitude, que só é possível graças à intuição seletiva dos afetos, já que a imperiosa força dos encontros nos leva para o campo dos sentimentos, marcas da consciência. As transmutações singulares formam outros sentidos sem que haja nenhum arranjo prévio, capaz de limitar sua expressão criadora.

A alma é composta por diversos recursos e sua maior virtude é conhecer a Deus. Para Spinoza, conhecer é se aproximar de Deus. A realidade é constituída por camadas de esferas de experiências possíveis. O ente humano só pode conhecer a si e à Natureza a partir de três formas distintas de conhecimento, que se constituem como formas diferenciadas de apreender a realidade. As esferas de experiências a conquistar são: primeiro gênero do conhecimento (opinião ou imaginação); segundo gênero do conhecimento (razão); terceiro gênero do conhecimento (ciência intuitiva).

O primeiro refere-se a “formas de contemplar as coisas”. Só conhecemos os efeitos, não conhecemos as causas que provocam esses efeitos em nós. Conhecemos a realidade pelas marcas que ela nos deixa, por meio de signos (imagens) que se encontram na nossa imaginação. Esses signos da realidade estão sempre associados a afetos passivos (paixões). Nesse gênero de conhecimento, o sujeito humano é passivo, pois não conhece os fenômenos pelas suas causas, apenas pelos seus efeitos: experiência vaga, que não é determinada pelo intelecto, “experiência errática” (SPINOZA, EII P40 S2, 2009, p. 81). Na concepção de Spinoza, a mitologia e os sistemas de crenças religiosas estão alojados no primeiro gênero de conhecimento, a imaginação; por isso, em seu *Tratado Teológico*

*Político*, Spinoza insiste na ideia de que as grandes figuras bíblicas são seres histórica e culturalmente determinados, que respondem às demandas de seu tempo.

O segundo está relacionado às “noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas” (EII P40 S2, *Op. cit.*, p. 82). É o conhecimento pela Razão, é quando o sujeito passa a conhecer as causas dos efeitos. Conhecer a causa dos efeitos significa compreender a estrutura da coisa, eliminando as superstições por meio da razão, ideias adequadas, conhecimento necessariamente verdadeiro, que nos ajuda a distinguir o verdadeiro do falso.

O terceiro “gênero do conhecimento parte da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para chegar ao conhecimento adequado da essência das coisas” (EII P40 S2, *Op. cit.*, p. 83). Podemos chamar de ciência intuitiva. Por meio da Intuição, o sujeito passa a conhecer as essências singulares que exprimem as relações. É através da Razão que a Intuição se desenvolve. O engendramento da Razão encontra-se no esforço, na perseverança do sujeito humano em se tornar racional. A Razão não pode ser transmitida, ela é constituída pela potência. Perseverar em busca do conhecimento significa compor ideias adequadas. Por ideias adequadas, Spinoza entende que “são ideias verdadeiras que estão em nós como estão em Deus” (DELEUZE, 2002, p. 83). São ideias verdadeiras encadeadas pelo intelecto, que permitem reconhecer e diferenciar o verdadeiro do falso.

Em suma, “o conhecimento de primeiro gênero é a única causa de falsidade, enquanto o conhecimento de segundo gênero e o de terceiro é necessariamente verdadeiro” (SPINOZA, EII P41, 2009, p. 83). Em relação ao segundo e terceiro gênero de conhecimento, Spinoza afirma que “quem conhece verdadeiramente uma coisa deve, ao mesmo tempo, ter uma ideia adequada – ou um conhecimento verdadeiro – do seu conhecimento” (EII P43, *Op. cit.*, p. 84), ou seja, quem conhece verdadeiramente uma coisa deve ter plena certeza disso.

Para o filósofo do marxismo humanista, Karel Kosik, “a realidade é a unidade do fenômeno e da essência” (1976, p. 12). Há duas qualidades de *práxis* humana de conhecimento da realidade, a representação e o conceito. Primeiramente, os indivíduos adotam uma relação com a realidade a partir da maneira como ela se apresenta. Na cotidianidade e os automatismos fornecidos por ela, os sujeitos desenvolvem uma prática utilitária, elaborando todo um sistema correlativo de representação dos aspectos fenomênicos, se familiariza e maneja as coisas do mundo, mas sem compreendê-las. A cotidianidade, com seus automatismos, regularidades e imediatismo, forma uma

consciência que se guia pela exterioridade, aparência e superficialidade das formas fenomênicas da realidade. Esse é “o mundo da pseudoconcreticidade”, “um claro escuro de verdade e engano” (*Op. cit.*, p. 11).

Existe outra consciência que se desenvolve a partir do momento em que o sujeito cognoscente se “aparta do mundo”, se retira da cotidianidade, rompe o invólucro das aparências dos fenômenos, a automatização e mecanização da cotidianidade, atingindo seu núcleo interno, conhecendo-lhe sua estrutura. “Compreender o fenômeno é atingir a essência” (*Op. cit.*, p. 12) e destruir a “pseudoconcreticidade do mundo alienado” (*Op. cit.*, p. 77). Karel Kosik afirma que “da reflexão sobre o sentido da cotidianidade nasce a consciência absurda, a qual não encontra sentido algum na cotidianidade” (*Op. cit.*, p. 76). Romper com a cotidianidade significa rasgar o véu das aparências e da exterioridade, quebrar o invólucro, não se conformar com o fenômeno tal como ele se apresenta.

O pensamento de Kosik é profundamente influenciado pela filosofia imanente de Baruch Spinoza. É possível perceber certa semelhança entre a tridimensionalidade do conhecimento em Spinoza com a Dialética do Concreto em Karel Kosik. Este pequeno fragmento do filósofo de Praga evidencia com bastante nitidez as marcas dessa influência: “a verdade da realidade não pode ser apenas representada ao homem, tem de ser praticada pelo próprio homem” (1976: 78). Temos dois autores que estão pensando as ações do gênero humano na sua relação com o universo.

## **Liberdade**

A liberdade encontra-se na constituição de um espaço em que o ente humano possa exprimir sua potência. Para Marilena Chauí, o “que é a filosofia espinosana senão o mais belo convite a perder o medo de viver em ato?” (1995, p. 82). Significa abandonar os medos e as superstições, pois “aquele que se deixa levar pelo medo, e faz o bem para evitar o mal, não se conduz pela razão” (SPINOZA, EIII cap 31, 2009, p. 210). A superstição “parece proclamar que é bom o que traz tristeza e mau o que traz alegria” (EIII cap 31, *Ibidem*). Liberdade significa agir ativamente e conhecer as forças que compõe a estrutura e gênese dos acontecimentos, para buscar os bons encontros, os encontros úteis, que aumentem sua potência de agir. Ter liberdade é não ser servo das forças alheias que o cercam, é perceber sua inserção na ordem universal da natureza, e buscar ativamente o gênero de conhecimento que produz no sujeito as emoções alegres (cf. GIACÓIA JUNIOR, 2016).

Nise da Silveira sintetiza muito bem essa ideia em sua IV carta a Spinoza: “a alegria (...) é a passagem do homem de uma perfeição menor a uma perfeição maior e, inversamente, a tristeza é a passagem de uma maior a uma menor perfeição. A alegria aumenta o poder de agir, enquanto a tristeza o diminui” (1995, p. 68). “Quanto maior é a alegria de que somos afetados, tanto maior é a perfeição” (SPINOZA, EIII P45 S2, 2009, p. 187). Para Sévérac,

o projeto spinozista nos propõe uma ética do conhecimento que certamente se distingue de uma moral da obediência; mas não se trata nunca de conhecer por conhecer, trata-se de conhecer para ser afetado, e ser afetado de tal forma que possamos viver felizes. (2009, p. 17)

A filosofia da ação de Spinoza pressupõe que o sujeito tenha uma atitude ativa no sentido de se esforçar para propiciar bons encontros, que produzam alegrias, aumentem a potência de agir, afastem-no das tristezas que a diminui. “Para Spinoza agir livremente é selecionar as séries dos encontros e não obedecê-los por medo e esperança a uma finalidade preestabelecida fora da ordem dos encontros” (SANTOS, 2011, s.p.). De acordo com Deleuze:

o *conatus* é o esforço para experimentar alegria, ampliar a potência de agir, imaginar e encontrar o que é causa de alegria, o que mantém e favorece essa causa; mas é também esforço para exorcizar a tristeza, imaginar e encontrar o que destrói a causa de tristeza; [e] quanto maior é a alegria de que somos afetados, tanto maior é a perfeição. (2002, p. 106-107)

O *conatus* é o esforço de “perseverar em seu ser por uma duração indefinida, e está consciente desse seu esforço” (SPINOZA, EIII P9, 2009: 105), pois “cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser” (SPINOZA, EIII P6, 2009, p. 105). Está relacionado ao aumento da capacidade de ser afetado pelo desejo de afirmar a dinâmica do nosso ser. O elemento ativo em nós que nos aproxima de nós mesmo na seleção dos encontros, e não permite que sejamos conduzidos por forças extrínsecas. Como afirma Chauí, “a chave da ética encontra-se nessa posição do *conatus* como fundamento primeiro e único da virtude” (1995, p. 69). Spinoza compreende que virtude e potência são a mesma coisa (EIV Def 8).

Por outro lado, a vontade de abolição (o suicídio) ocorre quando as ideias inadequadas aumentam a confusão, afastando-o do entendimento, as ideias adequadas, o reino das paixões tristes leva o corpo a voltar-se contra si mesmo, entrando este num

processo decomposição. Isto em nada se atribui à essência de Deus, pois do mal nada se exprime de uma essência que pelo esforço orienta-se a afirmar sua potência.

pode convir melhor à natureza de alguém enforçar-se, ou será que podemos enumerar razões para que ele não se enforque? Suponhamos, no entanto, que tal natureza possa existir... afirmo então que, se alguém vê que pode viver mais comodamente pendurado na forca do que sentado à mesa, seria insensato se ele não se enforcasse; do mesmo modo, aquele que pudesse ver com clareza que aproveitaria melhor uma vida ou uma essência cometendo crimes, ao invés de se ater à virtude, seria também insensato se não o fizesse. Pois os crimes, sob o ponto de vista de uma natureza assim tão perversa, seriam virtudes. (SPINOZA, carta XXIII, *apud* DELEUZE, 1996, p. 243)

A força do *conatus*, este esforço de perseverar em seu ser, encontra-se no domínio das afecções pelo entendimento destas; esforço que atua no sentido de afirmação do corpo, que nos leva a pensar como a potência de agir afirma o poder do corpo, aumentando a ação do corpo social pela coesão de suas partes, uma *multitudo*, potência coletiva. O que constitui uma *multitudo* é a união de corpos, por mais que ocorra uma série de mudanças de corpos, ela é conservada tanto em relação à substância quanto ao modo.

O homem do pensamento se orienta de modo a governar suas paixões e a coesão de seu corpo está diretamente relacionada ao corpo coletivo, isso afirma a *multitudo* (multidão). A *multitudo* “trata-se de uma reunião de seres humanos que não obedece a qualquer forma prévia” (GUIMARAENS, 2006, p. 153). De acordo com Gimaraens, “a analogia física entre o corpo de um indivíduo humano e o corpo coletivo pelo qual se afirma a multidão se verifica também no poder de afetar e de ser afetado, do qual nenhuma coisa existente pode vir a se afastar” (2006, p. 160). “A multidão é o sujeito político por excelência” (*Op. cit.*, p. 161).

Spinoza afirma que, para se produzir uma sociedade de resignados, é preciso estimular duas paixões, o medo e a esperança, pois decorre que amedrontados e esperançosos estejam afastados do seu *conatus*, da sua potência de agir.

Não há esperança sem medo, nem medo sem esperança (...). Quem, contrariamente, tem medo, isto é, quem tem dúvida sobre a realização de uma coisa que odeia, também imagina algo que exclui a existência dessa coisa e, portanto, alegra-se. E, como consequência, dessa maneira, tem esperança de que essa coisa não se realize. (SPINOZA, EIII Def 13, 2009, p. 144)

Agir não é obedecer e sim criar novos **modos impossíveis**. A melhor sociedade é aquela em que o pensamento não se encontra servindo às convenções sociais, cujos valores morais constituem sua estrutura. “Em Spinoza, a potência constitutiva da transgressão qualifica a liberdade” (NEGRI, 1993, p. 25), pois “a constituição da liberdade é sempre revolucionária” (*Op. cit.*, p. 27).

As formas do pensamento não podem ser confundidas com os objetivos do Estado. O pensamento é uma imagem da vida para além do bem e do mal, da culpa e da falta, com uma rigorosa inocência que o faz sempre ir além das estruturas dominantes que determinam a consciência. Por isso, pensar nunca é um ato espontâneo e sim um confronto com os problemas. Pensar, portanto, não constitui de maneira alguma um inatismo, mas vem de “fora”, da “fissura” que permite devires criativos, que são modos diferenciados da ignorância, essência da consciência. Spinoza afirma que “a mente esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo” (EIII P 12, 2009, p. 108).

A paixão é, segundo Spinoza, triste ou alegre. Ele não a desqualifica, apenas nos mostra que quando o corpo se move por paixões aumenta ou diminui sua potência de agir. Sendo ele um experimentador, conduz à razão como instrumento prático de exercício de liberdade, como modo de chegar ao entendimento e não à subserviência das paixões que o afastam daquilo que pode, tornando-o presa das mais diversas formas de aparelhos de captura e axiomáticas régias. A liberdade não está em negar as paixões, mas na maneira como o sujeito se relaciona com elas.

A vida ética começa, assim, no interior das paixões, pelo fortalecimento das mais fortes e enfraquecimento das mais fracas, isto é, de todas as formas da tristeza e dos desejos nascidos da tristeza (ódio, medo, ambição, orgulho, humildade, modéstia, ciúme, avareza, vingança, remorso, arrependimento, inveja). (CHAUÍ, 1995, p. 70)

É da prática de liberdade que estamos falando, o problema da liberdade é de importância capital na construção do sujeito, pois não é da liberdade que tratamos em si, mas das práticas, do exercício dos afetos. É a partir da seleção deles que construímos caminhos de liberdade, não como conquista, como ideal a ser atingido, mas exercitando, portanto, como prática de liberdade. Parece-nos, assim, ser também um exercício de vida política, que cria possibilidades de organizar a vida sobre outro regime de forças. “Em Spinoza, a liberdade se afirma não como um ideal a se atingir, e sim como um processo de expansão da potência de agir de uma certa coisa” (GUIMARAENS, 2006, p. 163).

Para Guimaraens, no pensamento de Spinoza, encontramos a ideia de “quanto mais se afirma e se explicita a relação de subordinação do poder à potência, mais intensamente se expressa à potência da multidão” (*Ibidem*). Este pensamento encontra-se expresso no *Tratado Político*: “concluamos que a multidão pode guardar sob um rei uma liberdade muito larga, dado que ela faça de modo que o poder do rei seja determinado, exclusivamente, pelo poder da multidão e mantida com a ajuda da multidão mesma” (SPINOZA, TP7/31, 2017, p. 94-5).

Marilena Chauí afirma que “quando os homens, em estado de Natureza, descobrem as vantagens de unir forças para a vida em comum, não fazem pactos nem contratos, mas formam a *multidão* ou a *massa* como algo novo: *O sujeito político*” (1995, p. 70). No estado de natureza, o gênero humano é guiado por aquilo que lhe convém, que esteja de acordo com suas inclinações. Nesse caso, o que prevalece é o *conatus* individual. Porém, uma sociedade “baseada nas leis e no poder de se conservar, chama-se sociedade civil e aqueles que são protegidos pelos direitos dessa sociedade chamam-se cidadãos” (SPINOZA, EIV P37 S2, 2009, p. 182). Diferentemente da sociedade civil, no estado de natureza, os indivíduos não têm nenhuma obrigação para com o outro, a não ser consigo mesmo. Spinoza considera que é útil aquilo que faz com que os indivíduos convivam em plena concordância. Neste sentido, ele ratifica: “o homem que se conduz pela razão é mais livre na sociedade civil, onde vive de acordo com as leis comuns, do que na solidão, onde obedece apenas a si mesmo” (EIV P73, *Op. cit.*, p. 203). Aqueles que vivem em concordância são conduzidos pela razão e por isso vivem mais livremente, porque observam os direitos comuns da sociedade civil, pois a constituição de múltiplos esforços se configura em *conatus* coletivo.

Para Spinoza, diante das discórdias, “os cidadãos jamais destroem a Cidade (...), mas mudam-lhe a forma, quando de outro modo não se pode por termo às dissensões” (TP6/2, 2017, p. 61). O estado democrático é o que permite melhor a realização de tal tarefa, pois, neste modelo democrático, o poder não fica concentrado nas mãos de poucos, como é o caso de estados monárquicos ou aristocráticos.

Spinoza introduz uma nova maneira de pensar a política e a sociedade civil. De acordo com Antonio Negri,

essa construção spinozista do político constitui um momento fundamental do pensamento moderno: e se não consegue exprimir até o fim a fundação da luta de classe como antagonismo fundador da realidade, nem por isso deixa de enunciar todos os pressupostos dessa

concepção, fazendo da intervenção das massas o fundamento da atividade de transformação, ao mesmo tempo social e política. (1993, p. 24)

Neste sentido, Eric Fromm compreende que, “na filosofia de Spinoza, a ênfase desvia-se da reta crença para a reta conduta de vida. Marx expõe o mesmo princípio, quando diz: ‘os filósofos têm interpretado o mundo de maneiras diferentes: a tarefa é transformá-lo’”<sup>4</sup>. (FROMM, 1960, p. 107).

Outra inovação do pensamento de Spinoza é pensar a política na dimensão do corpo. A filosofia da multiplicidade multidinária traça os liames entre corpo, vontade, desejo, servidão e potência de agir, trata de questões cruciais para liberar a vida de modelos deletérios que nos arrastam como rio correnteza abaixo. Segundo o pensador holandês, “cada um tem o poder, se não absoluto, ao menos parcial, de compreender a si mesmo e de compreender os seus afetos, clara e distintamente e, conseqüentemente, de fazer com que padeça menos por sua causa” (SPINOZA, EIV P4 S1, 2009, p. 217).

### **À guisa de uma conclusão**

Ao se referir à filosofia de Baruch Spinoza, Chauí faz a seguinte reflexão: “um clássico, escreveu certa vez Merleau-Ponty, e aquele que sempre terá alguma coisa a nos dizer porque, ao pensar, nos deu o que pensar. No modo como enfrenta as questões de seu tempo e a elas oferece respostas, ensina-nos a interrogar nosso próprio tempo” (1995, p. 81). Complementando o argumento de Chauí, Negri afirma que Spinoza “não é apenas um autor que coloca e resolve certos problemas dele em seu século; ele faz isso também, mas a própria forma da solução compreende uma problematicidade progressiva que alcança e se instala em nosso horizonte filosófico” (1993, p. 23). Abarcando as reflexões tanto de Chauí quanto de Negri, é possível afirmar que Spinoza é um pensador que está para além de seu tempo, sua filosofia reverbera ao longo dos séculos.

No desenrolar deste artigo, exploramos algumas dimensões da filosofia de Spinoza, abarcando alguns conceitos, categorias e métodos, orientando-se no sentido de tentar encontrar o centro de gravidade mais sólido de seu pensamento. Sua filosofia é voltada para ação, o conhecimento, seleção dos afetos, busca dos bons encontros, para

---

<sup>4</sup> Esta passagem encontra-se no manuscrito *Teses sobre Feuerbach* de autoria de Karl Marx elaborado em 1845, publicado pela primeira vez em 1888, como apêndice da obra *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã* de Friedrich Engels.

uma estética da existência, na medida em que apresenta um conjunto de reflexões que permite aos indivíduos pensar a vida e adquirir uma determinada postura diante do universo e dos afetos. Uma filosofia que leva o gênero humano a desenvolver a ciência intuitiva. Isto é, compreender as forças que constituem a causa dos fenômenos sociais ou naturais, perceber as forças que lhe afetam e aquilo que o constitui, que levam os indivíduos a buscar os bons encontros, e que não os deixem mais serem escravos dos encontros fortuitos.

Em suas reflexões, Deleuze afirma que, no sistema de pensamento de Spinoza, “a vida não é uma ideia, uma questão de teoria. A vida é uma maneira de ser, o mesmo modo eterno em todos os seus atributos”, por isso, “Espinoza oferece uma imagem da vida positiva e afirmativa, em detrimento dos simulacros com os quais os homens se contentam” (2002, p. 18-19). Deleuze entende o spinozismo como modo de pensar e de viver. Spinoza afirma uma natureza expressiva, portanto, autocriadora, sem mediações. Nesse sentido, há uma incondicional afirmação da vida. Não se trata de explicar a vida por meio dos conceitos, mas de fabricar conceitos que estejam à altura dos problemas a ser enfrentados.

A “orientação spinozista é contra toda forma de servidão humana que conduza o sujeito humano à ilusão imaginativa de liberdade” (SANTOS, 2011, s.p.). Desse modo, podemos concluir que sua filosofia é voltada totalmente para ação, do movimento que vai do abandono das ilusões (imaginação e opinião) ao encontro da razão ativa (ciência intuitiva), na formação de ideias adequadas, pois quanto mais compreende, menos padece dos maus afetos.

O gênero humano viveu despotencializado durante séculos, submergido num mar de crenças, distanciado daquilo que ele pode, ou seja, da potência de agir. Spinoza em sua obra magna, *Ética*, demonstra o caminho que conduz à potência da alma para gerenciar as paixões e alcançar a liberdade, trata-se de um caminho muito árduo, mas que “pode, entretanto, ser encontrado. E deve ser certamente árduo aquilo que tão raramente se encontra (...). Mas tudo o que é precioso é tão difícil como raro” (SPINOZA, EIV P42 S1, 2009, p. 238).

## Referências

- ASSIS, M. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.
- BORGES, J. L. Espinosa. In: RIBEIRO, Cláudio. Spinoza por Borges, Prudhomme e Machado. *Jornal Opção*, 21 de março de 2017. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/spinoza-por-borges-prudhomme-e-machado-de-assis-89910/>>. Acesso em 13 de julho de 2017, às 19h45min.
- CHAUÍ, M. *Espinosa: Uma filosofia da Liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.
- CONIB - Confederação Israelita do Brasil. *Carta de excomunhão de Baruch Espinoza*. 2016. Disponível em: <<http://www.conib.org.br/noticias/3438/carta-de-excomunho-de-baruch-espinosa#>>. Acesso em: 28 de março de 2018, às 22h30min.
- DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Spinoza y el problema de la expresión*. Barcelona: Muchnik Editores, 1996.
- FROMM, E. *A Arte de Amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.
- GIACÓIA JÚNIOR, O. *A Ideia de Liberdade em Espinosa*, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VZDx3MuE8B0>>. Acesso em: 14 de julho de 2017, às 14h45min.
- GUIMARAENS, F. Spinoza e o conceito de multidão: reflexões acerca do sujeito constituinte. *Direito, Estado e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 29, pp. 152-73, 2006. Disponível em: <<http://www.jur.puc-rio.br/revistades/index.php/revistades/article/viewFile/291/263>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2018, às 21h30min.
- KOSIK, K. *Dialética do Concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- NEGRI, A. *Anomalia Selvagem*. Rio de Janeiro: 34, 1993.
- PONCZEK, R. L. *Deus ou seja a Natureza*. Salvador: EDUFBA, 2009. Versão digital. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/3bm/pdf/ponczek-9788523209049.pdf>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2017, às 19h35min.
- PRUDHOMME, S. Um homem bom. In: RIBEIRO, Cláudio. Spinoza por Borges, Prudhomme e Machado. *Jornal Opção*, 21 de março de 2017. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/spinoza-por-borges-prudhomme-e-machado-de-assis-89910/>>. Acesso em: 13 de julho de 2017, às 19h45min.
- SANTOS, V. R. Do belo platônico à potência do entendimento em Spinoza (A propósito do domínio das paixões). *Labirinto*. Porto Velho, Unir, nº 1, Junho, 2001. Disponível em: <<http://www.cei.unir.br/artigo13.html>>.
- SÉVÉRAC, P. Spinoza: conhecimento e afetividade em Spinoza. In: MARTINS, André (org.). *O conhecimento como o mais potente dos afetos*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SILVEIRA, N. *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- SPINOZA, B. *Ética segundo a ordem geométrica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Tratado da reforma do entendimento*. São Paulo: Escala, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Tratado Político*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- ULPIANO, C. *Pensamento: Lucrecio e Espinosa*. Aula de 16/06/1994. Disponível em: <<https://acervoclaudiuolpiano.com/2016/11/10/aula-de-16061994-pensamento-lucrecio-e-espinosa/>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018, às 04h15min.

Recebido em: 14/08/2020

Aprovado em: 12/12/2020